

## Mídia: um percurso de abordagem

Rita de Cássia Aragão Matos<sup>1</sup>

Mídia, discurso, mundo

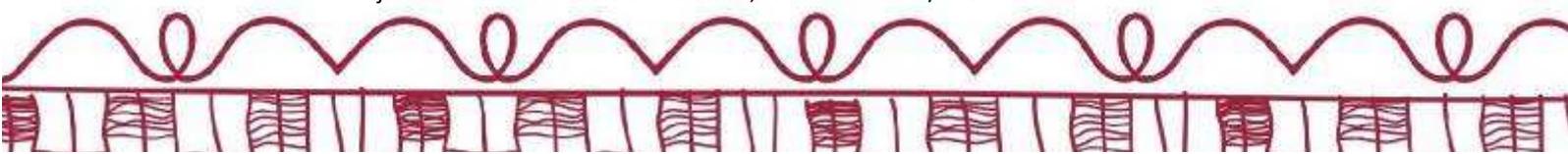
A Comunicação só pode encarnar uma existência se inscrita em um mundo, construída entre sujeitos. O solo onde os textos são produzidos, onde circulam, onde são lidos, vistos, ouvidos, percebidos é o solo da cultura, onde sujeitos de carne e osso produzem, põem textos em circulação e consomem tais produtos simbólicos, através dos diversos sistemas semiológicos – icônico, gestos, sonoro.

Embora esta afirmação pareça óbvia, ainda hoje diversos estudos debruçados sobre os processos comunicativos, desde uma situação simples como uma conversa entre duas pessoas na esquina do bairro, até as mais complexas, como a transmissão de um evento mundial, como uma copa do mundo de futebol, parecem perder de vista esta assertiva. Um exemplo comum é a afirmação de que um sujeito pode dominar completamente a situação de comunicação; ou a tendência de pensar, ainda hoje, a linguagem como transparência, a palavra como algo que não possui sentidos distintos, que encarna contradições; enfim, sua impossibilidade constitutiva de revelar o mundo sob todas as faces.

Procurando situar esta discussão no âmbito do campo midiático, podemos afirmar haver, também aqui, marcas dos sujeitos que habitam o mundo, que fazem comunicação. Embora frequentemente postule-se um abismo entre produtores e consumidores, entre “profissionais da comunicação” e seu público, é possível afirmar que a idéia de abismo pode ceder lugar a um perspectiva dialógica, de troca, de negociação, e não simplesmente de imposição de alguém que detém os instrumentos e técnicas de saberes/formas de dizer especializados e outros que não as possui. Do

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e ciências/UFBa



mesmo modo, este é uma instigante dimensão da vida social para pensar nos limites e possibilidades da (re)velação do mundo, das fraturas inscritas na tentativa de representar o mundo através das diversas formas de linguagem .

Pode-se pensar nas três dimensões básicas de análise: o lugar da produção, da recepção e do texto. Na análise da produção vale lembrar que a mídia ocupa um lugar no mundo, portanto pode ser analisada a partir das condições sociais, econômicas, políticas. Há uma imensa produção acadêmica no âmbito das ciências sociais acerca destes aspectos para compreendermos a inserção da mídia na teia destas relações.

Nesta instância encontramos estudos que buscam pensar as práticas profissionais, as intencionalidades de produtores, as coerções sofridas. Algumas possibilidades de compreensão deste processo, a tentativa de entender a produção de sentidos existente entre aquilo que dizem jornalistas, relações públicas, publicitários, videomakers emergem de imediato. Sem dúvida, a proposta etnográfica é um caminho instigante. Ouvir o campo da produção, por exemplo, entender suas rotinas de trabalho, sua concepção de mundo.

Certamente a tentativa de ausculta pode ser deslocada para o público, o telespectador, procurando-se tecer esta rede de sentidos a partir da ausculta daqueles que estão “assistindo” ao filme, telejornal, vendo a telenovela.

Ainda que não esqueçamos os sujeitos envolvidos neste processo, podemos optar por um outro recorte o qual põe-se a mirar o texto e não os sujeitos que, efetivamente, constroem sentidos, sempre levando em conta, pois, que tanto emissor quanto receptor estão aí implicados. Sob a paisagem deste outro destino do olhar, este outro caminho nos parece, também ele, imerso sob sombras. Um caminho desafiador.

Trata-se de pensar os textos midiáticos não por eles mesmos, encerrando-se sua análise nas fronteiras daquilo que é exposto no anúncio publicitário, no diálogo entre personagens da telenovela, nos blocos de telejornal. Trata-se, na verdade, de um caminho onde a porta do mundo “de fora” da mídia permite compreender melhor aquilo que está lá “dentro”, estabelecer o diálogo entre o texto lá de dentro e os textos aqui de fora nos limites e possibilidades que emergem a partir das intencionalidades conscientes ou não dos enunciadores.

Neste caminho assumimos que os textos produzidos no interior do campo midiático, disseminados através das telenovelas, dos jornais, dos filmes, das revistas, permitem um tipo de acesso as significações do mundo. Portanto estes produtos simbólicos são aqui tomados como uma imensa teia construída a partir das várias camadas, das espessuras que conformam o mundo, a vida social. São, portanto, em última instância, apenas um pretexto para entendermos aquilo que está em sua origem e em seu fim, o mundo social, onde o humano de fato se realiza.

### **Brechas entre sujeitos**

Não é novo afirmar que uma destas espessuras aponta para a dimensão dialógica entre quem diz e quem vê TV, ouve rádio, etc. Implica na dimensão do movimento entre aqueles que há algum tempo são definidos como emissores e receptores ou ainda produtores e consumidores de bens simbólicos.

Entre outros aspectos, podemos problematizar a dimensão imaginária da comunicação. O leitor inscrito nas malhas textuais, o leitor ideal. Podemos ainda compreender as estratégias do leitor real, que está aí, no mundo. Nestes estudos ressurgem perguntas fundamentais: quais as formas de relação do mundo da mídia e os sujeitos do lado de fora da mídia? Como opera a transformação deste mundo de fora no mundo lá de dentro? Como o mundo “real” é reinventado pelo universo midiático? O que nos dizem os meios sobre nós? Como os sujeitos interpretam, negociam aquilo que é dito lá dentro?

Alguns pressupostos podem ser assumidos desde logo: as relações entre aqueles que dizem lá de dentro e estes que estão aqui fora não são simétricas. Em primeiro lugar porque há uma assimetria constitutiva na relação entre quem diz e quem não diz. Na nossa sociedade há lugares de fala firmemente demarcados. O lugar do juiz, do professor, da autoridade policial, do chefe, do apresentador do telejornal, embora, vale lembrar, estes lugares sejam configurados também a partir de imagens, também estas construídas socialmente, a partir de posições em que cada um dos sujeitos é posto e se põe na vida em sociedade. Sublinhe-se que embora estes lugares de fala exponham relações de poder, não são imutáveis, embora, não raro, bastante rígidas.

Mas além deste lugar de fala há diferenças entre este e aquele professor, entre um dado apresentador de tv e um outro. Uma situação é um pastor realizando um ritual místico-televisivo, outra é um padre católico realizando a missa via satélite. Uma coisa é a

informalidade de um programa de TV “ popular” onde casais parecem mostrar sua intimidade e suas emoções “à flor da pele”, outro, distinto, expõe uma “autoridade” que cede uma entrevista em um programa “ sério”.

Seja como for, neste percurso que estamos tentando realizar, a questão fundamental a ser destacada é que o sujeito que diz, antes de dizer, desde sempre, foi mergulhado em um universo de falas, imagens, sons, cores que o precederam, e a partir deste mergulho, desta imersão no universo pré-construído ele inicia sua longa jornada até tornar-se um jornalista, um pastor midiático, um apresentador de programa de auditório.

Isto, evidentemente, vale para o público, para este homem, mulher ou criança colocados diante deste aparelho de TV, rádio, internet ... É através de um repertório de valores, de crenças, de categorias, de comportamentos que estes sujeitos construirão sentidos para aquilo que lhes é ofertado por cada um destes produtos simbólicos, ainda que em sua maioria não se dêem conta disso, embora não fiquem, como o fazem os analistas, questionando como ocorrem estes mecanismos de leitura, de interpretação, de negociação em relação ao texto.

Até aqui, apenas revisitamos os diversos estudos, em distintas perspectivas, desenvolvidos por pesquisadores de várias tradições. O que, no entanto continua a desafiar os estudos para compreender os processos de produção de sentido é, entre outras questões, a busca pelo entendimento do modo como, efetivamente, as tramas urdidas entre os sujeitos se realiza. Ou seja, como este crente, este homem/mulher temente a Deus negocia a afirmação desse pastor postado no interior da TV que o responsabiliza pela sua tragédia pessoal? Como a senhora que toma seu café na mesa de jantar olha para a protagonista da novela das nove? De que modo a comunidade glttb (gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais) pensa a exposição destes casais no programa de entrevistas, no programa de humor, na telenovela? Além disso, continua a ser um desafio compreender de modo mais fino como os textos midiáticos operam tais construções.

Estas análises tornam-se cada vez mais necessárias a fim de responder a estas questões não apenas através da armadura de imponente repertório teórico mas indo ao encontro destes sujeitos para auscultá-los.

Temos, aqui, então três caminhos em destaque, dos estudos macro, dos estudos etonográficos/análises debruçadas sobre emissores e/ou receptores, além do caminho de

auscultar o texto e nessa ausculta destacar os sujeitos que falam em seu interior e aqueles para quem estes textos são produzidos, ainda que este caminho de análise trabalhe com leitores e produtores imaginários, e não, como faz a etnografia, com leitores e produtores empíricos.

Não podemos deixar de reconhecer que os avanços na concepção de texto permitem entrevê-lo como algo que não se fecha em si mesmo mas que todo o tempo trafega entre seu interior (imagens, palavras, gráficos) e aquilo que à primeira vista é definido como seu exterior (o mundo). Com efeito, estamos avançando para além de uma concepção de texto estática, fechada em si mesma. O texto nesta concepção é o resultado da trama entre seu dentro e seu fora. É quando o texto pode ser entendido para além de sua dimensão empírica, entendido como unidade de análise como uma espécie de pretexto para uma compreensão das relações além dele, por ele mesmo.

Ao procurarmos lincar o texto empírico com o mundo, com dizeres que se encontram fora do invólucro midiático, estamos procurando entender a relação com aquilo que é dito em um outro lugar, a relação do texto com a história, com a memória, com o poder. Entender, enfim, as relações estabelecidas entre sujeitos. Neste movimento o texto converte-se naquilo que diversos analistas tomam como discurso. Isto é, de uma unidade de análise passamos a uma unidade teórica.

### **Texto como pretexto**

Como já anunciamos, novas abordagens buscam crescentemente debater os limites e possibilidades de um relato, um dizer ser capaz de devolver uma dimensão da existência, do real aos sujeitos. Como o mundo aparece no discurso histórico? Na fala do angustiado deitado sobre o sofá? Na explanação do mestre? Nos programas de tv?

Esta implosão das certezas quanto as verdades postas e a preocupação em buscar compreender os modos como as supostas verdades, as formas de representação são tecidas desde a ciência até o cotidiano desdobram-se na problematização de um objeto que nos ocupa há algum tempo: a televisão. Interessa-nos entender o que se passa ali, na janela colorida postada no meio da sala; entender as tragédias cotidianas exibidas no telejornal, nas tramas de amor ardentes envolvendo os ídolos enamorados, na felicidade profunda vivida pela viagem realizada no automóvel do anúncio.

Tal como afirmamos anteriormente para estudarmos este processo partimos do pressuposto de que o sujeito fala de um lugar, aquele que diz, expressa algo sob um ponto de vista. Aquilo que é dito traz junto consigo as possibilidades de dizer e o inevitável silêncio, condição de dizer.

Finalmente, aquele para quem se diz, o receptor, o leitor, traduzirá aquilo que lhe foi dito a partir de um repertório, de um mundo vivido, de uma experiência, de um corpo, das suas possibilidades e impossibilidades condicionadas por aquilo que escolheu e do que não escolheu para si. Esse sujeito, que existe, como dizia o poeta, como um resultado entre aquilo que quis ser e aquilo que deixaram que fosse.

Portanto, podemos afirmar que existem pelo menos duas estratégias razoavelmente explícitas para que possamos compreender melhor o mundo proposto pelos produtos simbólicos midiáticos – filmes, anúncios publicitários, telejornais, programas de auditório, etc. : buscando entender os mecanismos que resultam nesse modo dizer, os meandros de seus elementos internos e/ou através das instâncias da produção e recepção.

Além dos dois sujeitos inscritos nesta trama, aquele que diz e aquele para quem se diz, podemos auscultar o processo de construção do sentido através daquilo que é dito, não procurando entender este dito de modo endógeno, mergulhando o olhar no texto pelo texto, nele mesmo, mas inscrevendo-o em um cenário, um lugar, o momento em que foi dito em sua articulação com o momento em que vivemos, que construímos sentidos para aquilo que foi dito em outro lugar e tempo.

Um movimento fundamental nesse processo é o deslocamento de um lugar de familiaridade, aquilo que no nosso cotidiano nos dá a sensação de estabilidade, de transparência. É preciso mobilizar o olhar da desconfiança, da convicção em relação à intransparência. Desconfiar das imagens, das palavras, dos gestos, das cores.

Alguns estudos, além de nossa própria experiência junto ao universo de elaboradores destes produtos assim como da experiência junto de seu público e mesmo como público, demonstra que falar sobre estes textos não parece difícil para a maioria dos sujeitos que lidam com tais dizeres. O jornalista falará sem dificuldades da matéria de jornal, do modo como fez a matéria, dos processos que resultaram naquele texto. A senhora dona de casa, fã da “novela das nove”, poderá relatar durante algumas horas sua interpretação sobre as tramas que envolvem mocinhos e cafajestes.

Ao tentarmos compreender o que expressam estes produtos a partir deles e não da fala de outros, partimos do óbvio: tais produtos expressam a sociedade, o mundo que os inspira, as formas que estão aí, os valores que orientam ações, as cores que expressam alegria e dor. Esta, parece-nos, uma de suas chaves de entendimento, sua razão de ser: devolver para os sujeitos sentidos que, supostamente, estão aí; modos de pensar que nos interceptam e que lançamos no nosso convívio no dia a dia.

A compreensão deste mundo aí dentro, neste percurso aqui proposto, implica na sua articulação com este mundo de cá, “fora”, seus valores, seus gestos de entendimento.

### **Tecendo a rede: unindo pontas – o dentro, o fora**

Um caminho possível, que, do ponto de vista formal não é novo, passa por compreender alguns aspectos que expressem modos fundamentais como esta sociedade olha e diz sobre si mesma. De imediato, isto parece uma tarefa impraticável, tal sua dimensão, afinal, este olhar para si implica em valores, comportamentos, memória e tradição, transgressão, comportamentos. A isto talvez possamos responder dizendo que estes aspectos macrosociais devem ser definidos a partir do objeto que está sendo investigado, por exemplo: se estudo a problemática da exclusão social em um telejornal, parece razoável estabelecer alguns parâmetros para definir exclusão social, como este tema vem sendo tratado em suas múltiplas dimensões sociais. Do mesmo modo parece sensato inscrever o telejornal que passa a ser tomado como coisa investigada em um quadro de relações políticas, econômicas, culturais. Trata-se, portanto, da construção de um diálogo entre os diversos olhares, disciplinas, abordagens;

Há, neste movimento de buscar através daquilo que está aí na página do jornal, na matéria do telejornal, na intriga da telenovela um movimento que mantém permanentemente um diálogo entre o dentro e o fora, o produto midiático e seu entorno, o pequeno e o grande, o produto da mídia e a sociedade. Esta é uma dimensão fundamental dos caminhos a seguir.

Escolhido este caminho, podemos afirmar que um texto é sempre metonímia de seu entorno. Carrega consigo as marcas de seu tempo, daquele que diz, ainda que possa dizer-se como origem, apresentar-se com a autonomia que o sujeito pensa definir as palavras que expressa. Nesta abordagem podemos então deslocar o dito pelo texto - o

anúncio, a telenovela, o filme, o telejornal -, para além de suas fronteiras : os limites da página, a tela da TV, o áudio que ecoa da caixinha da emissora de rádio, e estabelecermos as teias que possibilitam o estabelecimento de sentidos que então são entendidos como um processo. Processo que envolve o dito pelo texto, as relações estabelecidas pelos sujeitos que produzem efetivamente estes textos e seu público. Tudo isso ancorado no solo de um mundo social com seus sonhos, seu cotidiano, sua memória, seu devir, seu imaginário, sua dimensão racional, suas paixões e dores.

Nesta outra trilha, estamos a nos aproximar de uma paisagem onde o analista põe-se diante de um texto da mídia para compreender alguns mecanismos operados no seu interior. Entender como estes mecanismos permitem a apropriação do mundo, enfim. Tal caminho implica em pensar o texto em sua relação com o contexto. Isto é, implica em ouvir o que o texto tem a dizer sempre relacionando este dito específico com outros dizeres, falas outras ditas em outros lugares e tempos . Afinal, o texto não pode existir de modo isolado e abstrato. É a partir de uma ordem de falas, discursos, representações constituídos que podemos entender palavras, imagens, cores, gestos em um contexto específico.

Por certo, este caminho não se propõe a encontrar a verdade do texto; propõe-se a ir em busca de uma dimensão do real do sentido a partir de uma materialidade que se encontra dentro do texto e fora do texto, em seu contexto, no cenário onde ele é dito, no mundo feito por homens e mulheres, na relação entre texto/outro texto, dito/não dito. Numa palavra, há que revolver as filiações implicadas em um dizer. Compreender certos lugares de fala. Implica em compreender os lugares onde se ancoram os sujeitos para falar de certo modo para o outro sujeito.

Vale lembrar que o analista não está acima da interpretação mas realiza um movimento de estranhamento; desloca-se do lugar de um leitor que se coloca diante do texto de modo familiar, sem questionamentos para um outro lugar que rompe com a sensação de que o texto fala sem problemas, de modo direto, transparente, literal. Tal movimento leva o analista a duvidar da transparência, a procurar as fraturas do texto, a não se contentar com aquilo que à primeira vista parece óbvio, verdadeiro, transparente. Neste processo o próprio analista se coloca como leitor, contextualizado, imerso de um mundo simbólico mas a partir de um olhar estrangeiro, um olhar desconfiado.

Munido de um dispositivo teórico de interpretação, de conceitos, de modos de abordagem do objeto construído, o analista articula a descrição do texto e sua interpretação. Certamente esta articulação estará submetida àquelas questões que o pesquisador põe ao texto, o que, sabemos, impõe-se como possibilidades de campos de estudo específicos, da clareza acerca do diálogo com perspectivas teóricas particulares que também indicarão os limites e possibilidades da compreensão de dado texto.

Diante de um texto, esta unidade de análise da qual parte o pesquisador, torna-se necessário procurar suas regularidades, o que, neste texto é recorrente? Por exemplo, ao analisarmos o tema exclusão social no Jornal Nacional da Rede Globo de TV observamos certos modos como o excluído aparece nas matérias; o modo como outros sujeitos e instituições lidam com a exclusão etc. Observamos ainda referências a certos campos sociais – religião, família, trabalho. Neste percurso, importa o modo como funcionam estes dizeres, como os silêncios se instauram, como os diversos campos que conformam o mundo social emergem em seu interior, as relações que passam a ser estabelecidas entre os enunciadores.

Isto posto, é necessário atentar para a materialidade do texto, a partir de perguntas básicas: quem fala? Como fala? Como se apresentam os elementos cenográficos? Há uma sintaxe do texto, seja qual for sua materialidade, seu suporte (TV, rádio, outdoor,) ; em um segundo momento passamos a relacionar aquilo que é dito em um certo texto com outros textos. Neste momento torna-se mais importante compreender os processos discursivos e o primeiro momento, de recorte empírico vai sendo deslocado. Há um movimento de ida e vinda em relação ao material empírico mas tendo em vista a articulação entre um dito específico e o que foi posto em outros tempos e lugares. Um exemplo: se procuro compreender como o tema exclusão social materializa-se em um determinado telejornal, poderei ser levada a partir da análise das matérias a relacionar o que foi dito sobre a exclusão com o campo religioso, a política, o senso comum etc, na medida em que estes campos são mobilizados no interior mesmo das matérias.

### **Últimas palavras**

Concluindo por ora este caminho possível de entendimento, reiteramos que, no interior desta concepção, o texto mostra-se como indício, como marca de um tempo, de um

lugar, de relações de poder tecidas por sujeitos que se encontram no mundo transformando-o e/ou buscando reforçar o mesmo.

Os sentidos que podem manifestar-se no texto de algum modo estão articulados com o mundo de fora, ponto de partida e de chegada. A exterioridade se inscreve em seu interior. Do mesmo modo, o que está aí dentro só pode ser entendido pelos leitores/receptores na medida em que estes estabelecem vínculos com o que é visto ali dentro e o mundo vivido, o cotidiano.

Texto é unidade de análise, é necessário ultrapassar esta dimensão para entender a relação da língua, dos sistemas semióticos com a história, com a memória, com o poder, com os sujeitos que dizem; o que não equivale a pensar apenas na gramática, na sintaxe, no conteúdo. O texto é, pois, uma unidade de análise que permite ao pesquisador aceder ao discurso, compreender, enfim, como a história, a memória, as relações de poder estão aí encarnados, seja na chacota do programa de humor, seja na aparente transparência do telejornal .